

De Ana Peluso

E aí a gente acha que acordou de um pesadelo, do pesadelo,
do verdadeiro pesadelo, da repetição de mil sons todos
iguais
para alguma luz que acomode um acorde luminoso,
que transmute toda a dor em algum acontecimento de maior
importância,
de valor fundamental, sem fundamento, eixo, explicação,
como um romance à primeira escrita, ao primeiro toque, à
primeira sentença,
sem rimas, sem medidas dramáticas, de curvas que não só
infinitesimais ∞ ,
de grandezas apocalípticas, porque buscamos mesmo as re-
velações,
com ou sem escatologias, sem fins lucrativos, sem muito in-
teresse no
que não é filho do onírico, o místico, o impossível
em oposição à essa tela cartesiana em que dois e dois é sem-
pre quatro,
em que você e eu é sempre nós, mas nunca todos,
esse pesadelo humanista, excomungado
e a gente segue achando que acordou do pesadelo da sepa-
ração,
da falta, da falta de ar do que dizer, do que transmutar ∞

como velhos e conturbados alquimistas transformando ouro
em dor,
juventude em máscara, a dilapidação da perda filosófica, e a
gente acorda,
não necessariamente em uma manhã, e algum sinal dita em
códigos
que não há escapatória dos sonhos maus, dos homens maus,
e de um território abruptamente mau só porque a gente
acordou
de um pesadelo maior, e isso não nos eximir do retorno,
e que qualquer rigor das pedras, que qualquer fisionomia
cristalina das águas,
de qualquer grandeza de importância, é de posse de alguém
que constrange muito a nossa condição,
de caídos na mesma cilada todas as vezes que fechamos os
olhos
e nunca dorme

Minha poesia não está à venda
eu não estou à venda
porque alma não se vende
e sou alma e sou corpo
e sou poesia e sou ontem
e sou amanhã
e hoje estou fechada
para a liquidação

Muito mais do que os homens e suas aeronaves terrenas
tentando entender o céu

mais do que santo-santo de auréola
que um dia ganhou o céu

do que gesto piedoso, de coração, de quem pensa ir para
o céu

boa intenção, ombro, apoio, abrigo, abraço
e outras relíquias não lidas no céu

a loucura é santa

por não ter como ser
insincera

e o louco vive bastardo, oblíquo, a esmo
perdido fora da terra

só não sabe que é o céu

A mata adensa o oculto
por trás de cada árvore pode surgir o absoluto
um prédio por exemplo
e pela lucidez insana
um homem
um carro
mais veloz que o espírito das seivas
pode surgir um algoz
algum rabisco de marcas
atroz
qualquer, qualquer coisa farta
que não dobre à força aquela imagem
o verde soprando para fora daquela imensa floresta

olha o menino na contramão
o cinegrafista na contramão
o direito na contramão
o poeta na contramão
o homem na contramão
o destino na contramão
do destino

ANA PELUSO (SÃO PAULO) - Poeta. Publicou 70 Poemas (São Paulo: Patuá 2014), que integra a Coleção Patuscada, premiada com o ProAC – Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Faz parte de diversas antologias do grupo Anjos de Prata, Poetrix TOC140. E de outras: de Zamores (São Paulo: Escrituras, 2003), Moscas, É que os Hussardos chegam hoje (São Paulo: Patuá, 2014) e Hiperconexões: Realidades Expandidas [primeira antologia poética sobre o pós-humano], organização do escritor Luiz Bras (São Paulo: Terracota, 2014).